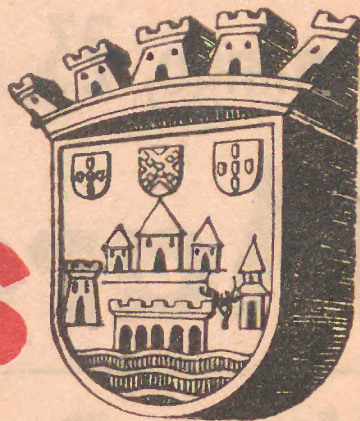


# Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Editor e Prop.: P.º ALFREDO MARTINS DA ROCHA  
Administrador: ARTUR BASTO

Director:  
P.º ALBERTO DA ROCHA MARTINS  
Telefone 8451

Redacção e Administração: TIPOGRAFIA «VITÓRIA»  
Composto e Impresso: Tip. «Vitória» — BARCELOS

## ACONTECIMENTO GLORIOSO

POR J. ESTÊVÃO PINTO

A Presença do Venerando Chefe do Estado Português em Terras do Brasil é um acontecimento do mais elevado significado nacional e internacional. No abraço fraterno das duas Nações se vincula a excelsa semente de uma comunidade que os nossos antepassados nos legaram, de que germinou com esta homogeneidade de língua e de raça, de religião e de Direito, de hábitos e de sentimentos, de compreensão humana e de concepção da vida.

São estes predicados comuns aos dois povos que transformam o Atlântico no «Mare Nostrum» da comunidade luso-brasileira e que fundamentam uma força extraordinária que se impõe e que olha o Futuro com confiança e fé nos maiores e mais promissores destinos das duas Pátrias.

A visita do Supremo Magistrado da Nação ao Brasil onde tem sido calorosamente e carinhosamente acolhido, significa o prosseguimento do processo secular e transcendente do desenvolvimento dessa grande força que é a Comunidade Lusíada.

Portugueses e Brasileiros constroem o futuro com segurança e fiéis a um imperativo das gerações que nos precederam. No momento presente, mostra-se absolutamente necessário que assim se proceda, que as terras de Vera-Cruz vibrem de entusiasmo e estremeçam de emoção com a presença do Supremo Magistrado da Nação Portuguesa, como Portugal vibrou com a presença dos egrégios Presidentes do Brasil, Dr. Café Filho e Dr. Kubitschek de Oliveira, afirmando ao Mundo, vigorosamente, os laços de fraternidade exemplar que unem os dois Povos.

A visita do Senhor General Craveiro Lopes contribui poderosamente para consolidar e perpetuar a Comunidade Lusa que constitui um bloco capaz de garantir a presença activa dos dois Povos no concerto mundial.

Inicia-se uma nova era das relações luso-brasileiras. Além de se vincular o espírito de unidade, resultante de factores de ordem sentimental, põe-se em prática uma colaboração efectiva nas relações culturais e comerciais.

## A viagem presidencial ao Brasil

A viagem do Chefe do Estado Português ao Brasil, continua a decorrer em apoteose!

Em S. Paulo o Senhor General Craveiro Lopes, foi recebido com delirantes aclamações e percorreu depois a grandiosa capital paulista em apoteótico cortejo.

Nunca nenhum Chefe do Estado foi recebido com tanto entusiasmo e carinho.

Nas cerimónias oficiais ou nas visitas particulares, em toda a parte onde apareça o Senhor Presidente da República de Portugal, nota-se sempre o mesmo entusiasmo, carinho e respeito de todo o povo da grande nação brasileira, verifica-se, constata-se a mais perfeita identidade, a mais coesa e firme união entre portugueses e brasileiros.

Nas cidades visitadas as manifestações excederam as previsões mais optimistas e, segundo os jornais, grandiosas e entusiásticas recepções esperam o Chefe da nação lusitana nas terras brasileiras que ainda irá visitar.

A comunidade luso-brasileira é já hoje uma grande realidade e uma grande esperança para um mundo melhor!

## Grupo Recreativo da Casa do Povo de Barcelinhos

Esteve, há dias, em Barcelos, a fim de examinar a preparação do grupo folclórico da Casa do Povo de Barcelinhos, um enviado especial do Secretariado Nacional de Informação.

As impressões colhidas dessa visita foram, na verdade, as melhores pelo que ao Grupo da Casa do Povo, dirigido habilmente pelo nosso bom amigo Snr. Costa Fernandes, foi concedido o subsídio de quinze mil escudos para a sua projectada viagem a França.

## Farmácia de Serviço

No próximo domingo encontra-se de serviço permanente a farmácia PACHECO, no Largo da Calçada.

## Oração do Médico

COMPOSTA PELO SANTO PADRE

O «Osservatore Romano» publicou, recentemente, a seguinte oração composta por Sua Santidade o Papa Pio XII:

«Oh! médico divino das almas e dos corpos. Redentor Jesus, que, durante a tua vida mortal, distinguiste com a tua predilecção os enfermos, curando-os com o toque da tua mão onnipotente; nós, chamados à árdua missão de médicos, adoramos-Te e reconhecemos em Ti o nosso excelso modelo e sustentáculo.

Mente, coração e mãos sejam sempre guiados por Ti, de modo que mereçam o louvor e a honra que o Espírito Santo atribui ao nosso Offício (cf. Eccli. 38).

Aumenta em nós a consciência de sermos, de certo modo, os teus colaboradores na defesa e no desenvolvimento das criaturas humanas e instrumento da tua misericórdia.

Ilumina as nossas inteligências no áspero combate contra as inumeráveis enfermidades dos corpos, a fim de que, servindo-nos rectamente da ciência e dos seus progressos, não se nos ocultem as causas dos males, nem nos induzam em engano os seus sintomas, e antes, com juízo seguro, possamos indicar os remédios dispostos pela tua Providência.

Dilata os nossos corações com o teu amor de modo que, vendo-Te a Ti mesmo nos enfermos, especialmente os mais abandonados, respondamos com infatigável solidicidade à confiança que nos põem.

Faze que, imitando o teu exemplo, sejamos paternais no participar das dores alheias, sinceros em aconselhar, diligentes em curar, incapazes de enganar, suaves em anunciar o mistério da dor e da morte; e sobretudo, que sejamos firmes em defender a tua santa lei do respeito à vida contra os assaltos do egoísmo e dos instintos perversos.

Como médicos que nos gloriamos do teu nome, prometemos que a nossa actividade se moverá constantemente dentro da observância da ordem moral e sob o império das tuas leis.

Concedei-nos, por último, que nós próprios, graças a um teor cristão de vida e pelo recto exercício da profis-

## Superioridade

Sempre bravo, na faina costumada,  
Trata, com um esmero persistente,  
A terra, de que vive parcamente,  
No carinho da aldeia sossegada.

Estima os pais, vizinhos, namorada,  
E respeita o Prior. Intensamente,  
Concentra-se, na missa. Docemente,  
Deixa a alma vogar purificada...

Desconhece aventuras, tentações,  
Encontra, no trabalho, recompensa,  
O prémio da ventura de ser forte.

Pouco deseja, foge de ambições,  
Nunca estremece, mesmo, quando pensa,  
Nesse mistério tétrico da Morte!...

Arnaldo de Azevedo Pinto

## SILÊNCIO

II

Por estes bosques obscuros  
Iremos sempre, sôzinhos,  
Atentos ao claro sonho  
Sonhando, sempre sonhando...

Apenas co'a fantasia  
Abramos lagos silentes  
Delicados como nuvens  
Poisadas sob o luar.

E ao rumor de antigos versos,  
Em vez de folhas suaves,  
Os azuis lagos sonhados  
Cortemos com finos remos...

E à mesa em que nos sentemos  
Na ilha do nosso encontro  
Em vez de falas solenes  
Olhos nos olhos, calemos...

.....  
Silêncio, Amigos, silêncio!

João Maia, S. J.

Não vale a pena gritar  
(Silêncio, Amigos, Silêncio!)

Não vale a pena dizer  
De nada vale a ironia;  
Quando dentro há agonia  
Só vale a pena sentir...

Não vale a pena escrever  
(Sejamos na vida ausentes!)

Nossos enigmas guardemos  
E, quando muito, sonhemos...  
.....  
Silêncio, Amigos, silêncio!

# Domingo, 23, às 14,30, 17 e 21,30 (3 sessões) no Cine-Teatro Gil Vicente

# Marcelino, Pão e Vinho

## Vida Desportiva

### «Taça Engenheiro Cruz e Silva»

A fase final da «Taça Engenheiro Cruz e Silva» devia ser disputada em duas voltas e entre os três grupos apurados nas respectivas zonas — Gil Vicente, Vianense e Vitória de Guimarães.

Mas, como a época está a findar e a seguir-se tal critério ainda seriam precisos seis jogos os grupos interessados concordaram em abreviar o torneio, resolvendo, por sorteio, apurarem um finalista e o outro, pelo sistema de eliminatória em duas mãos.

No sorteio, ficou apurado finalista o S. C. Vianense. Para apuramento do outro finalista realizou-se no domingo, no campo Adelino Ribeiro Novo, a primeira mão entre o Gil Vicente e o Vitória de Guimarães.

A arbitragem infeliz do Snr. Joaquim Pires, de Braga, indispôs toda a assistência e cedo tirou todo o interesse ao desfecho do desafio.

Por princípio não admitimos atitudes menos correctas, por gestos ou palavras, da parte dos jogadores.

Somos de opinião que tais atitudes devem ser reprimidas e castigadas até pelos clubes quando essas atitudes passassem em claro pelos árbitros. Também não vamos muito com os protestos da maioria dos assistentes que, na generalidade, quanto mais ignorantes, mais protestam.

Na verdade, a falta de linha de uns e outros, precisa de ser reprimida e endireitada.

Mas, os homens do apito precisam também de ser olhados com especial atenção porque, quase sempre, são os que mais contribuem para certos ambientes que ainda com frequência se podem registar nos campos de futebol e há muito já que não deviam existir.

### Futebol

#### Gil Vicente, 1 — V. Guimarães, 2

Em disputa da «Taça Engenheiro Cruz e Silva», no campo Adelino Ribeiro Novo, no pretérito domingo, o Gil Vicente defrontou-se com o Vitória de Guimarães.

Logo nos primeiros minutos o grupo visitante esteve prestes a marcar. O grupo local desorientou um pouco com o ímpeto do grupo visitante mas, pouco depois, conseguiu sacudir esse domínio e jogar em toada de equilíbrio.

A primeira parte terminou com o resultado de 1-0 a favor do Vitória de Guimarães mas a igualdade traduziria melhor o desenrolar da partida. Tito aos quarenta minutos foi expulso do terreno.

Esta decisão do árbitro levantou inúmeros protestos da assistência que não se apercebeu de qualquer infracção do jogador gilista. Informaram-nos mais tarde que foi por ripostar a um pequeno pontapé dum jogador de Guimarães mas que o árbitro não viu.

são, mereçamos um dia ouvir dos teus lábios a bendita sentença prometida àqueles que Te visitaram como enfermos nos teus irmãos: «Vinde, benditos de meu Pai, possuir o reino que vos está preparado. (Mat. 25, 34) Assim seja».

Na segunda parte o Gil Vicente entrou a jogar com grande entusiasmo e apesar de reduzido a dez jogadores dominou abertamente o grupo visitante.

No campo defendido pelo Vitória estavam quase sempre 21 jogadores. Pouco depois de principiar a segunda parte, Nolito perdeu uma ocasião soberana de estabelecer o empate na marcação dum castigo máximo que atirou ao poste.

Seródio recebeu seguidamente ordem de expulsão por ter entrado com certa dureza ao tentar desarmar e aliviar uma das raras incursões da linha avançada visitante.

Apesar de reduzidos a nove jogadores o grupo barcelense continuou a exercer grande domínio e aos trinta minutos da segunda parte, Carvalho, conseguiu estabelecer a igualdade, com um golo de belo efeito que levantou a assistência.

O Gil Vicente ainda perdeu ocasiões de alcançar a vitória mas, contra a corrente do jogo e quando se julgava que o resultado estava feito, o Vitória de Guimarães, no último minuto, conseguiu o golo da vitória.

O Gil Vicente, alinhou: Augusto; Seródio, Eduardo e Valdemar; Canário e Vieira; Tito, Nolito, Carvalho, Gelucho e Nova.

O Vitória de Guimarães: Agostinho; Morais, Silveira

### Comunhão solene

No passado domingo, dia 16, receberam a comunhão solene os meninos Luís Manuel e António Carlos, filhos do nosso prezado amigo e assinante Snr. Armando Pimenta, e de sua Esposa Snr.<sup>a</sup> D. Zulmira Pimenta.

### Hospital da Misericórdia

No próximo domingo está de serviço permanente o Senhor Dr. Manuel José Moreira da Quinta.

e Costa; Auleta e Freitas; Bártolo, Lutero, Ernesto, Rola e Benje.

Hoje, o Gil Vicente, deslocou-se a Guimarães para realizar o jogo da segunda mão.

### Columbofilia

No próximo domingo realiza-se e concurso do «ENTRONCAMENTO» (II), no total de 229 kms.

A entrega dos pombos deve ser feita no sábado, das 14 às 16 horas.

— Damos, até ao 10.<sup>o</sup>, as classificações dos concursos das seguintes localidades:

#### SETIL

José Beleza Moreira, 1.<sup>o</sup>; Hernâni Santos, 2.<sup>o</sup>; Fernando P. Lopes, 3.<sup>o</sup>, 4.<sup>o</sup>, 8.<sup>o</sup> e 9.<sup>o</sup>; Manuel Oliveira Martins, 5.<sup>o</sup> e 6.<sup>o</sup>; Augusto Machado, 7.<sup>o</sup> e José Machado, 10.<sup>o</sup>.

#### POMBAL

José Alves Leite, 1.<sup>o</sup>; Manuel Miranda, 2.<sup>o</sup> e 8.<sup>o</sup>; José Beleza Moreira, 3.<sup>o</sup>, 5.<sup>o</sup> e 6.<sup>o</sup>; Rodrigo M. Pereira, 4.<sup>o</sup>; Francisco Caravana Pereira, 7.<sup>o</sup>; Fernando P. Lopes, 9.<sup>o</sup> e José Machado, 10.<sup>o</sup>.

#### MADRID

José Alves Leite, 1.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup>; Paulo Figueiredo, 2.<sup>o</sup>; António Marinho, 3.<sup>o</sup>; Melo Jorge, 5.<sup>o</sup>; Hernâni Santos, 6.<sup>o</sup> e 8.<sup>o</sup>; José Beleza Moreira, 7.<sup>o</sup> e 9.<sup>o</sup> e Manuel Oliveira Martins, 10.<sup>o</sup>.

Neste concurso foi disputada a «Taça SIALAL».

#### ALBACETE

Manuel Cândido Amorim, 1.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup>; Manuel Miranda, 2.<sup>o</sup>; José Beleza Moreira, 3.<sup>o</sup>, 4.<sup>o</sup> e 10.<sup>o</sup>; Hernâni Santos, 6.<sup>o</sup>; José Alves Leite, 7.<sup>o</sup> e 9.<sup>o</sup> e Augusto Machado, 8.<sup>o</sup>.

Neste concurso foi disputada a «Taça Sindicatos dos Operários de Barcelos».

### AOS NOSSOS ASSINANTES DO CONTINENTE

Dentro de dias vão ser enviados à cobrança, por intermédio dos C. T. T., os recibos correspondentes à assinatura de 1957.

Atendendo ao trabalho e despesa que isso acarreta, a Administração deste Jornal muito agradece aos Senhores Assinantes o melhor acolhimento.

### Casamentos

No dia 25 do passado mês de Maio, realizou-se no Santuário do Sameiro, o casamento do Snr. Manuel Araújo Torres, proprietário em Remelhe, filho do Snr. Augusto Torres, falecido, e de D. Ana Gomes Araújo, com a Senhora D. Natércia da Costa Capêlo, da freguesia de Rio Covão-Santa Eulália, filha dos capitalistas e proprietários Senhores Teotónio da Silva Capêlo e de D. Diamantina Ana da Costa.

Foram padrinhos dos noivos, o Snr. Carlos de Araújo Faria e D. Isolina Silva Faria.

No final do almoço, que se realizou num dos hotéis de Braga, foi oferecido em casa dos pais do noivo, um abundante «copo de água» aos numerosos convidados.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Sul.

*Jornal de Barcelos*, felicita o novo casal, desejando-lhe muitas felicidades.

— Na igreja paroquial de Barcelinhos o nosso amigo Snr. José Maria Fiuza, guarda livros da importante firma desta cidade Manuel Pereira da Quinta, filho do Snr. Firmino Manuel Fiuza e da Senhora D. Adozinda Salgado Antunes, proprietários, do Porto, consorciou-se com a simpática barcelinense Senhora D. Maria do Carmo Vale Frias, regente escolar, filha do Snr. José do Vale Frias e da Sr.<sup>a</sup> D. Ana da Costa e Silva, proprietários, de Barcelinhos.

Foi celebrante o Rev. Joaquim da Cunha Peixoto e serviram de padrinhos por parte da noiva o Snr. Dr. José António Pereira Peixoto Machado, ilustre Subdelegado de Saúde de Barcelos e esposa Snr.<sup>a</sup> D. Maria Luíza Sá Carneiro Figueiredo Machado e do noivo seus pais.

Finda a cerimónia religiosa, aos noivos e convidados, em casa dos pais da noiva, foi-lhes oferecido um almoço, servido pela conceituada Pensão «Pérola da Avenida», desta cidade e aos brindes, vários convivas, saudaram o novo casal que seguiu depois em viagem de núpcias para o sul do país.

Desejamos, ao novo lar cristão, muitas felicidades.

### Viagem à Alemanha

A convite da Badische Anilin — & Soda — Fabrik A. S., produtora do «Nitrophoska verde» e «Nitrosphoska amarelo» e para visitar as suas importantes fábricas em Ludwigshafen A. Rhein (Alemanha Ocidental) partiu ontem para a Alemanha o nosso prezado amigo Senhor Eduardo Henrique dos Santos Vale, sócio da firma D. Ferreira Vale & Filhos, Lda., representante desses afamados produtos em Barcelos.

Os convidados, cerca de duas dezenas, partiram em excursão organizada pela «Orgânica, Anilinas e Produtos Químicos, Lda.», importadores-distribuidores exclusivos de Portugal desses produtos de superior qualidade.

Desejamos-lhe boa viagem.

### De licença

Em gozo de licença encontra-se o nosso prezado amigo Snr. José da Graça Ribeiro Novo, funcionário da Agência de V. Nova de Famalicão do Banco Nacional Ultramarino.

— De visita a sua família também esteve durante uns dias na nossa terra o nosso prezado amigo Snr. Luís Fortuna de Carvalho, funcionário da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, em Lisboa.

### Nascimento

A esposa do nosso prezado amigo Snr. Dr. José Rodrigues Fernandes, deu à luz uma criança do sexo feminino.

Os nossos parabéns.

### Óleo de Amendoim

Faça os seus fritos e os seus SONHOS com este inconfundível óleo.

### Azeitona de Elvas

Qualidade maravilhosa.

**CASA ÁGUIA**  
Telefone 8445 — BARCELOS

# BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Sede — LISBOA

## AGÊNCIA EM BARCELOS

Largo da Porta Nova, 41 — Telefone 8518

Descontos — Depósitos à Ordem e a Prazo — Transferências s/ o País e Estrangeiro  
Moedas e Notas Estrangeiras

### A Obra Previdencial e Assistencial

Pelo DR. COELHO DO VALLE

HÁ alguns dias, através dos órgãos normais de informação, o País tomou conhecimento da proposta de lei que foi enviada à Câmara Corporativa e se destina a reformar a Previdência Social. Em reuniões efectuadas no Ministério das Corporações, e na União dos Grémios dos Lojistas de Lisboa, o Senhor Doutor Veiga de Macedo, deu a conhecer a vastidão da importante reforma e os tópicos fundamentais dos capítulos que abrangem: maiores benefícios na acção médico-social, no alargamento do esquema de medicamentos e no internamento hospitalar, na instauração dos seguros-maternidade e nos seguros-tuberculose, na ampliação e reorganização das Caixas de Previdência, na definição mais precisa das Associações de Socorros Mútuos, etc.

Embora se esteja ainda em presença de uma proposta de lei, que oportunamente será submetida à apreciação da Assembleia Nacional, isso não impede que se divulguem as suas linhas gerais. Por esse motivo, o Ministro das Corporações deu largas explicações sobre a matéria a legislar, historiando ao mesmo tempo os preceitos legais que estão na base dos capítulos a reformar. Partindo da lei número 1.884, de 16 de Março de 1935, que estrutura toda a Previdência Social, o Senhor Doutor Veiga de Macedo referiu a legislação de 1919 sobre seguros sociais obrigatórios e focou o âmbito das Caixas Sindicais de Previdência, que englobam a totalidade de patrões e trabalhadores sujeitos a contractos colectivos de trabalho e deu a conhecer que os serviços médico-sociais da Federação das Caixas de Previdência dispenderam, em 1955, mais de 84.500 contos, grande parte dos quais com a acção médico-social, afirmando procurar abranjer-se a generalidade dos trabalhadores pelo princípio da realização progressiva de previdência adaptado para o abono de família e a ampliação das funções de reforma por velhice visto ser ainda bastante limitada

a experiência das Caixas de Previdência. No entanto, foram pagos 12.673 contos, em 1955, de pensões de velhice.

Continuando a leitura do importante documento, o Senhor Doutor Veiga de Macedo ocupou-se depois com as reformas propostas, com descentralização dos seguros de prestações imediatas e centralização dos seguros a largo prazo, etc. Foram ainda focadas as características gerais e os efeitos das reformas propostas, a aplicação dos capitais de reserva, o internamento hospitalar, o seguro de invalidez, etc. conjunto de medidas que o País tomou conhecimento com o maior interesse e que muito devem concorrer para a realização prática da doutrina corporativa.

Também não tem sido descurado pelo Estado Corporativo o problema assistencial, conforme foi verificado pelos congressistas do X Congresso Internacional dos Hospitais. Este Congresso que foi inaugurado pelo Chefe do Estado reuniu pela primeira vez em Portugal delegados de trinta e quatro países. No Hospital de S. Maria realizou-se uma Exposição Internacional da Moderna Arquitectura Hospitalar precedida por uma notícia de todos os hospitais de que há conhecimento terem sido fundados pelos portugueses na Metrópole, no Ultramar português, e no estrangeiro desde o Século XVII; e ainda outra, comercial e industrial, onde foram apresentados vários materiais e produtos hospitalares, incluindo algumas recentes inovações da técnica nacional e estrangeira.

Na sessão inaugural o Sr. Dr. Trigo de Negreiros, Ministro do Interior, depois de saudar os congressistas e registar os esforços que neste sector estamos desenvolvendo em todo o País, salientou que não são esforços dispersos os que temos a registar, antes fases sucessivas da realização de uma obra que tende a satisfazer as necessidades do País no campo da assistência hospitalar, suprimindo

### Mundanismo

Fazem anos pelo que lhes apresentamos muitos parabéns os nossos amigos:

Hoje — O Snr. José Soucaux.

Amanhã — A Snr.<sup>a</sup> D. Bernardina Luísa de Abreu Novais Marinho e o Snr. P.<sup>o</sup> Manuel Martins Palmeira.

Sábado — As Snr.<sup>as</sup> D. Esmeralda Horta Carneiro e D. Maria Eduarda Mancelos Sampaio.

Domingo — A Snr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Vale Frias.

Segunda — A Sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Serra Santos Pinto Rosa e os Snrs. José Carlos Mesquita Lavado, Manuel Celso da Silva Cunha e António do Vale Frias.

Terça — O menino Eduardo Torres Teixeira de Sousa.

Quarta — O Snr. Tenente António Macedo Martins Lima e o menino António José Oliveira da Quinta.

### Agradecimento

António Moreira e esposa, residentes em Barcelinhos que, por falecimento de seu irmão e cunhado ocorrido recentemente em Penafiel, receberam provas inequívocas de muita amizade e consideração, vêm por este meio testemunhar a todos os seus amigos a sua indelével gratidão.

Barcelos, 17 de Junho de 1957.

lacunas, aperfeiçoando serviços e evitando soluções de continuidade. Dentro desse plano, consideraram-se como órgãos centrais do sistema os grandes hospitais de Lisboa, Porto e Coimbra, e como estabelecimentos regionais e subregionais os hospitais que nas Províncias e concelhos prolongam a acção desses órgãos e constituem as suas ramificações e antenas. As palavras dos dois Membros do Governo, e a circunstância de se ter pela primeira vez realizado no nosso País este importante Congresso mostram bem que alguma coisa tem sido realizado nos campos da Previdência e Assistência pelo Governo do Estado Corporativo Português.

15-VI-1957

### Lembra-te que és pó

Vaidade das vaidades é vaidade!  
Que importa ter no mundo mil riquezas?  
Ser tratado por todos com finezas?  
Ser um herói, ter fama de verdade?!

Que importa ter do mundo a autoridade?!  
Aos nossos lados honras e grandezas?!  
Coroa e ceptro, espadas e defesas?...  
De que nos serve toda a ociosidade?!

Mais dia, menos dia, e soa a hora,  
Ess' hora que por si nos faz tremer:  
Um profundo suspiro e já não mora.

O coração cá dentro a reviver...  
Quatro tábuas pregadas, mas, agora,  
Dormir na morte p'ra não mais viver!...

Mendes Lacerda

### Sarau Literário-Artístico

O brilhante sarau literário-artístico das alunas do Externato Alcades de Faria, desta cidade, de homenagem a Camões realizado no Teatro Gil Vicente, na noite do dia 10, foi repetido, no mesmo Teatro, na noite do dia 12.

Antes de principiar o espectáculo o nosso querido Director, Rev. Alberto da Rocha Martins, num brilhante improviso exaltou as conferências de S. Vicente de Paulo a favor de quem se repetiu a récita.

As jovens intérpretes de novo deliciaram os numerosos assistentes com as suas brilhantes actuações e a orquestra dirigida pelo Snr. Costa Fernandes, com os Srs. Cecílio Magalhães ao piano e Fernando Campos ao acordeão, como no primeiro dia, nos intervalos, também deliciou os assistentes com a boa música que executou e que, justamente, foi sempre muito aplaudida.

Jornal de Barcelos felicita mais uma vez as alunas e as

### Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais

Foi nomeado Sub-Agente em Barcelos da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses o nosso prezado amigo Snr. Manuel Barbosa de Faria.

### Dr. Pires de Lima

Partiu para a Jugoslávia, a fim de representar o nosso País na Reunião do Instituto Internacional das Ciências Administrativas o nosso estimado amigo Snr. Dr. António Pedrosa Pires de Lima, ilustre Director-Geral da Administração Política e Civil e Secretário-Geral do Ministério do Interior.

ilustres Professoras do Externato Alcades de Faria e todas as pessoas que, de qualquer modo, contribuíram para o êxito de tão brilhante sarau.

## À LAVOURA

Grupos a gasoil, petróleo e eléctricos — Pistolas para pintura — Moínhos para café.

Reparações em todo o género de motores e serviços de serralharia

Consultem:

### Mecânica de Barcelos

Telefone 8310 — AVENIDA DA ESTAÇÃO — BARCELOS

Orçamentos grátis

# Proprietários e Automobilistas

No vosso próprio interesse, deveis consultar a **EMPRESA PREDIAL NORTENHA**, pois é a firma que maiores garantias de competência e sigilo vos oferece.

- Hipotecas sobre propriedades em 24 horas e ao juro de lei.
- Hipotecas sobre automóveis em 1 hora e ao juro de 6 %.

Ficará a lucrar consultando a **Empresa Predial Nortenha**

Colham Referências

No PORTO, nas s/ novas instalações da Praça D. João I, 25-1.º (Edif. Arranha-Céus)—Tel. 26706-30181-31038  
Em LISBOA, filial na Praça da Alegria, 58 — Telef. 35313-366731-366812

## CINEMA

Hoje, às 15,30 e às 21,30 horas, será exibido no Cine-Teatro Gil Vicente, o delicioso filme alemão, em eastman-color:

### BOM DIA, CATARINA

Uma comédia musical, de canções lindíssimas e bailados maravilhosos que nos transporta a um mundo de sonho e fantasia.

Com Catarina Valente, extraordinária cançonetista.

Para maiores de 12 anos.

— No domingo, 23, às 14,30, 17 e 21,30 horas, reprise do filme que tanto sucesso continua a ter em toda a parte:

### Marcelino, Pão e Vinho

Um filme para os que crêem... e para os que se negam a crer.

Um prodígio da psicologia infantil.

Com o grande actor apenas de 5 anos de idade PABLITO CALVO.

No programa jornais de actualidades mundiais e Imagens de Portugal.

Para todos, desde os 6 anos de idade.

## Festas em honra de S. Bento da Buraquinha

Nos próximos dias 13 e 14 de Julho, no Campo de S. José, realizam-se as festas em honra de S. Bento da Buraquinha.

A Comissão encarregada da realização destes festejos está a trabalhar com grande entusiasmo para que os mesmos atinjam o maior dos brilhan-tismos.

## Baptizados

No passado domingo, na freguesia do Bonfim, da cidade do Porto, foi baptizado um filho do nosso prezado amigo e assinante, Snr. Dr. Mário Basto, distinto médico naquela cidade, e de sua Esposa Senhora D. Dinorah de Freitas de Sousa Basto, recebendo o nome de Armando Maria.

Foram padrinhos a Senhora D. Dinorah de Liqueira Pereira Branco e o Snr. Celestino Coelho de Sousa Basto.

— Na Igreja Matriz, baptizou-se uma filhinha do nosso amigo e assinante Sr. Manuel Joaquim Vieira Coutinho e da Snr.ª D. Maria Arminda Guimarães Coutinho.

Recebeu o nome de Maria Henriqueta e serviram de padrinhos a tia materna Senhora D. Maria Adolphina Guimarães Cibrão e o tio paterno Snr. Alberto Joaquim Vieira Coutinho.

—)(—

## Governador do Banco Nacional Ultramarino

Na tarde de sábado esteve nesta cidade, o Ex.º Sr. Doutor Francisco José Vieira Machado, ilustre Governador do Banco Nacional Ultramarino, em visita à Dependência de Barcelos do mesmo Banco.

Sua Ex.ª que veio pela primeira vez à nossa terra era aguardado pelo Gerente e restantes funcionários da Dependência que lhe apresentaram cumprimentos.

Lâmpadas a 4\$00

NO

Armazém Esteves

Garantia de Precisão  
**Said**  
ANTI-MAGNÉTICO  
ANTI-CHOQUE-17 RUBIS

## Banco Nacional Ultramarino

### Boletim Trimestral

Do nosso prezado amigo Snr. António de Carvalho de Sampaio da Cunha Pimentel, considerado gerente da Agência de Barcelos do B. N. U. recebemos o Boletim Trimestral do B. N. U. n.º 29, de 31 Março de 1957, editado pelo seu Serviço de Estudos Económicos.

O presente número, com 104 páginas, insere um interessante e desenvolvido estudo da vida económica portuguesa em 1956 com o seguinte sumário:

Situação Política Mundial; Situação Económica Mundial; Situação Económica Nacional — Agricultura, Indústria, Transportes, Plano de Fomento, Comércio Externo, Balanço de Pagamentos, Posição Financeira, Preços e o Banco Nacional Ultramarino; Cabo Verde; Guiné; S. Tomé e Príncipe; Angola; Moçambique; Estado da Índia; Macau e Timor.

Agradecemos.

## Peregrinação a Fátima

Nos dias 6 e 7 do próximo mês de Julho realiza-se uma peregrinação Cordimariana ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, organizada pelos Religiosos do Imaculado Coração de Maria que tem a seu cargo o desagravo do Imaculado Coração.

Foram destinados a Barcelos dois luxuosos auto-carros dos 120 que se deslocam a Fátima nesses dias.

O custo de ida e volta é de 135\$00, aceitando-se inscrições na sacristia da Igreja Matriz.

Seja assinante do

JORNAL DE BARCELOS

## Futebol Popular

A Direcção do Atlético C. de Barcelinhos, vai promover um Torneio de Futebol para a disputa da «Taça Confirmação» cujos desafios efectuar-se-ão no campo de jogos Adelino Ribeiro Novo e em que participam os clubes populares do concelho de Barcelos.

Está já assegurada a colaboração das jovens equipas do Desportivo de S. Vicente de Areias, Clube Futebol de Viatodos e Barreirense Futebol Clube de S. Veríssimo.

É de salientar os esforços do Director Tesoureiro do Clube organizador Snr. Domingos Ferreira Coelho que, coadjuvado com elementos entusiastas deste Desporto não se tem poupado a trabalhos e grandes sacrifícios para elevar o nome do Atlético Clube de Barcelinhos.

O Torneio principiará no próximo dia 7 de Julho.

×

## Oquei Clube de Barcelos

Na Sapataria Cunha esteve em exposição o novo equipamento do Oquei Clube de Barcelos constituído por camisolas confeccionadas na Fábrica GUIAL e gentilmente oferecidas pela Empresa e calções confeccionados e oferecidos por Guilherme Cami-seiro.

—)(—

## Em Barcelinhos

Nos dias 23, 29 e 30 do corrente, em Barcelinhos, realizam-se noites de S. João e S. Pedro.

No Largo dos Bombeiros e recinto do Grupo Folclórico da Casa do Povo de Barcelinhos, verbenas com os mais variados números.

×

## «Jornal de Barcelos»

Assinatura (trimestre)	10\$00
Número avulso	1\$00
Estrangeiro (ano)	60\$00
Ultramar (ano)	50\$00
Anúncios judiciais—linha	63
Comunicados e anúncios oficiais	1\$50
Anúncios por formato—preços convencionais. Linómetro tipo corpo 8.	

## Certos Comentários

Com a devida vénia transcrevemos do jornal A VOZ de 13 de Junho o artigo que publicou sob a eplgrafe «PORQUÊ?»

Tem andado por alguns jornais transcrita de uns para outros, uma local que apareceu em «República» sob o título «Uma desilegância». Foi o caso que alguns monárquicos resolveram, a título inteiramente particular e por convites particularíssimos, individualmente dirigidos a determinadas pessoas propor a correligionários seus fossem visitar o Senhor Dom Duarte, Duque de Bragança, em casa de um amigo do Príncipe português. Com que direito? Com o evidente direito de cada um convidar para a sua casa quem muito bem queira. E foi o que sucedeu. Não se tratava de um acto de amotinação, como parecia depreender-se do tom dos reparos alarmados dos jornais, apenas porque, ignoramos como, uma das circulares, enviadas a pessoas determinadas e a título particular, se extraiu e foi parar ao «República», que certamente não se pretendia convidar.

Fez-se comentário irado ao facto de o autor da circular, que procedeu inteiramente por iniciativa própria e não em nome da Causa Monárquica, tratar o Senhor Dom Duarte por «Sua Magestade El-Rei».

(Continua no próximo número)

## Feira semanal

A feira semanal que devia realizar-se hoje ficou adiada para amanhã.

## ALTO-FALANTES

Prefiram sempre a **CASA SOUCASAUX**  
TELEPHONE 8545  
Fotografias — Rádios — Oculos  
Artigos fotográficos, etc.  
**BARCELOS**

## Motores usados a gasóleo

Vendem-se em estado de novos:  
1 «Peter» de 8 H. P.  
1 «Banfords» 6 H. P.  
Ver e tratar na Casa **SIAL-LAL**, ao lado do Templo do Senhor da Cruz.

Quem neste jornal anuncia...  
...o seu negócio amplia

## GIL VICENTE FUTEBOL CLUBE REUNIÃO DA ASSEMBLEIA GERAL

Nos termos do art.º 32.º dos Estatutos do Gil Vicente Futebol Clube, se convocam os Ex.ºs Sócios desta Colectividade para em Assembleia Geral se reunirem na Sede dos Bombeiros Voluntários, desta cidade, pelas 21,30 horas do dia 22 do corrente mês, a fim de se tratar do problema relacionado com a constituição dos novos corpos gerentes para a próxima época de 1957-1958 e aprovação de Contas.

A sessão funcionará desde que àquela hora e dia se encontrem presentes, pelo menos, dois terços do número de sócios, pois, caso contrário, abrir-se-á com qualquer número de sócios meia hora depois.

Barcelos, 12 de Junho de 1957.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL,

*Fernando da Costa Fernandes*

Estou completamente salvo  
Para Salvação de todos empresto dinheiro a ródos  
Só com FIGUEIREDO  
TELEFONE 24195  
SÓ FIGUEIREDO  
EMPRESTA SEM MEDO  
FIGUEIREDO  
COMPRA VENDE E HIPOTECA PROPRIEDADES

Travessa dos Clérigos, 15-2.º — Tel. 24195 — PORTO

# Crítico Literário Da Administração

# Correio das Aldeias

## EM FACE DA OBRA

(Continuação da página 6)

a esta e sim à arte e aos frutos de sua actividade é que se aplica o esforço intelectual do crítico. As obras de arte é que são o objecto imediato da crítica literária, como dissemos na segunda parte de nossa definição inicial. A elas se aplica directamente a nossa atenção. Em torno delas gira toda a nossa actividade. A medida do valor do que fazemos, como críticos, é a obra alheia a que aplicamos a nossa inteligência. Por isso mesmo é que devemos sempre, nos críticos, distinguir a sua visão geral da vida e a sua visão particular das obras, através das quais o crítico elabora a sua filosofia. Succede, mesmo, que essa actividade em relação às obras é mais importante. Um crítico vale o que valem os seus julgamentos sobre as obras que analisa. Sua visão geral da vida é secundária em relação à sua apreciação das obras. Esta é que especifica a sua actividade. É a causa formal de sua condição de crítico. Digo isso, desde logo, para não pensarem que coloco as obras alheias como simples pretexto ou mesmo como simples instrumento de meditação filosófica de um crítico. Julgo que as duas actividades são complementares. Não há crítica, verdadeiramente, sem uma filosofia da vida e sem um julgamento das obras.

Quando se dissociam as duas faces da mesma realidade, mutila-se também a nossa actividade. E passamos então, ou a relegar os autores e as obras para um plano secundário e portanto a sacrificar a actividade crítica precípua às nossas intenções metacríticas. Ou então, desdenhamos dessa metacrítica para nos prendermos apenas a uma espécie de positivismo crítico que é tão mutilante para a natureza total dessa posição do espírito, como é a exclusão sistemática da metafísica dentro de um sistema de ciências meramente experimentais ou naturais.

Visão da vida através das obras alheias, e destas através daquela, exige a crítica, portanto, uma perene rectificação para não nos deixarmos ven-

cer — nem pela tentação do abandono das obras e dos autores, em benefício de uma constante afirmação do nosso eu, da nossa própria visão das coisas — em que a obra alheia entre apenas como um estímulo inicial — nem pelo apagamento exagerado do nosso próprio eu, para nos confinarmos no papel de simples reflexos da obra alheia. No equilíbrio justo entre esses dois polos está a linha mestra do nosso roteiro crítico mais autêntico.

De um lado a necessidade da visão dando à crítica a sua grandeza natural. «Where there is no vision, art and literature perish» (1).

De outro o dever de colocar a obra estudada no centro imediato de sua cogitação e de não a converter em simples elemento ou pretexto para ilustrar um sistema de interpretação geral das coisas.

A visão é, pois, indispensável para dar à actividade crítica todo o seu âmbito e o seu equilíbrio total. Mas a obra é que representa a realidade concreta e imediata com a qual o crítico tem de se haver. Por ela começa toda essa aventura apaixonada, caminho da crítica literária, em suas numerosas vicissitudes, que vamos tentar seguir, ao menos em suas linhas mestras, ao longo deste ensaio, fruto de vinte e cinco anos de experiência pessoal por essas regiões já tão exploradas.

A posição do crítico em face da obra alheia se processa em três fases, que podemos chamar de preparação, leitura e redacção.

(1) «Onde falta a visão, perecem tanto a arte como a literatura. Tempo houve em que a grande arte e a grande literatura nos poderiam ter salvo dos efeitos mediocritizantes da especialização. Hoje, porém, não só a arte mas a literatura, estão sofrendo do mesmo mal. Seus expoentes, salvo poucas excepções, já não crêem nos valores reais. Eles estão entregando à análise aquilo que foi feito para a síntese: e onde deviam ser criadores ou intérpretes da vida em sua plenitude, oferecem-nos dispersões críticas e as reliquias desintegradas de um post-mortem». (Alfred Noyes—The Unknown God. Sheed and Ward, 1940, pág. 216).

Pagaram as suas assinaturas os seguintes Snrs.:

### Até Dezembro de 1957

José Ribeiro Novo e Manuel Arménio Corrêa, Barcelos; Manuel Pereira Ribeiro, Pousa e Adélio Correia Pinheiro, Angola.

### Até Junho de 1957

José Coutinho Rodrigues, João Luís Ferreira, José Luís Ferreira, António Cardoso Ferreira e Henrique Augusto da Silva, Barcelos; Júlio Valongo e Manuel Maria Pereira, Barcelinhos.

### Até Março de 1957

Abílio Rodrigues de Sousa, António Cruz e José da Silva Freitas, Barcelos.

### Até Dezembro de 1956

José de Sousa Carvalho, África.

## ATENÇÃO BRASIL

A Administração do *Jornal de Barcelos* agradece, aos seus estimados Assinantes do Brasil, a fineza de mandarem liquidar as suas assinaturas ao nosso Agente Snr. Francisco Duarte—Praça da Sé, 297-1.º, Sala 126—S. Paulo ou directamente à nossa Redacção, se nisso tiverem mais conveniência.

O nosso Jornal irá registando, nas suas colunas, e respectivos pagamentos e, aqueles que corresponderam já, os nossos agradecimentos.

## Agenda Médica

**Maria Angelina Corrêa**

MÉDICA ESPECIALISTA DE CRIANÇAS

Consultas das 10 às 12

Campo 5 de Outubro Telefone 6598

**FRANCISCO TORRES**

Médico

Consultório:

Rua D. António Barroso — Telef. 8377

Residência:

Av. Alcaldes de Faria — Telef. 8210

**António Pedras**

MÉDICO

Doenças de pulmões . Raios X

Consultas das 10 às 12 e das 15 às 17

Residência: Arcoselo—Telefone 8287

Av. dos Combatentes, 196—Tel. 8456

Consultoria: Av. Dr. Oliveira Salazar, 70—Tel. 8422

**Dr. José António Torres**

MÉDICO

Consultório:

Rua D. António Barroso

Telefone 8377

Residência:

Av. Alcaldes de Faria

Telefone 8559

**Camilo Ramos**

Cirurgião-Dentista e farmacêutico—Doenças

da boca e dos dentes—Protese Dentária

Consultório: L. da Porta Nova, 44-1.º

Residência: C. Camilo C. Branco, 68

Telefone 8321

Silveiros, 16

**Reflexor das nossas Festas** — Dificilimo será apagar-se da nossa memória a sumptuosidade que se tornou possível dar às Festas a que larga e pormenorizadamente nos referimos na nossa última crónica de 3 do corrente, publicada no *Jornal de Barcelos*. E ao afirmarmos que as nossas Festas ultrapassaram todas as previsões no que se refere à grandiosidade que atingiram, acorre-nos à mente o gesto altamente simpático e amigo e, ainda, digno do maior realce, dos ilustres Dirigentes da «Real Confraria de Nossa Senhora da Saúde» ao proporcionar que a Veneranda e Milagrosa Imagem da sua Querida Padroeira acompanhasse a Virgem Peregrina de Barcelos até à Igreja Matriz de Silveiros quando Nossa Senhora da Franqueira, na Sua Peregrinação, veio da Igreja do Monte de Fralães, freguesia pequena mas linda, nossa vizinha, amiga e irmã, na tarde memorável de 19 do mês findo.

Eis, caríssimos leitores, uma iniciativa deveras altruística de que resultou a vinda triunfal de Nossa Senhora da Saúde à Igreja Paroquial de Silveiros pela primeira vez na história das duas freguesias, o que representa com a maior clareza a união existente entre os povos das duas freguesias, moral e espiritualmente ligadas. Para os Membros da Mesa da «Real Confraria de Nossa Senhora da Saúde» e para todos os fralaneses, vai o profundo e duplo agradecimento da população silveirense.

E ao encerrarmos as merecidas considerações que por bem entendemos fazer às nossas Festas, achamos justíssimo tornar conhecidos os nomes das individualidades que constituíram a incansável Comissão Executiva das Festas de Silveiros que, não olhando aos inerentes sacrificios de ordem moral e até material que lhes foram presentes, tornaram possível a organização

de tão brilhantes festividades, num esforço digno do maior realce, tornando-os, por isso, credores da maior admiração da população local e das freguesias limítrofes, que soube avaliar da sua tenacidade.

São eles os seguintes Senhores: Snr.ª D. Maria José Novais, Padre Constantino Ferreira Martins, Joaquim Miranda Campelo e Manuel Miranda Campelo, Guilherme Ferreira Ribeiro, António Carvalho de Faria, José Carvalho de Faria e Carlos Carvalho de Faria, António de Araújo Faria e Manuel da Costa Faria, José Miranda Campelo, Francisco Miranda Campelo e António Miranda Campelo, António de Araújo Miranda, Joaquim José da Costa, Joaquim Miranda Campelo Júnior e... Alberto Esteves.

Que Nossa Senhora da Franqueira a todos aqueles e suas Famílias dispense a Sua Protecção Maternal e igualmente a todos cubra de Bênçãos Celestiais!...

**Visitantes ilustres** — Fazendo-se acompanhar de sua querida Esposa e filhinhos, esteve em Silveiros, junto de seus extremos Pais e demais Família, o nosso particular amigo, Snr. Jaime Pereira de Miranda, considerado industrial na Cidade Invicta.

Também passou alguns dias na sua linda vivenda desta localidade, o que gostosamente registamos, o igualmente nosso amigo, Snr. Américo F. Silva, conceituado comerciante na cidade do Montego.

Ainda em visita às suas importantes propriedades nesta localidade, vimos entre nós, o Snr. Joaquim Gomes da Costa Novais, considerado proprietário da famosa fábrica dos «Estores Vitória» de Corim — Ermesinde.

Que durante muitos anos os nossos estimados conterrâneos não esqueçam a terra que lhes foi berço, nem os que nela labutam dia a dia.

C.

## RELOJOARIA CARVALHO

## 150 Contos

O Relojoeiro de confiança em Barcelos.

Avenida Dr. Oliveira Salazar, 40

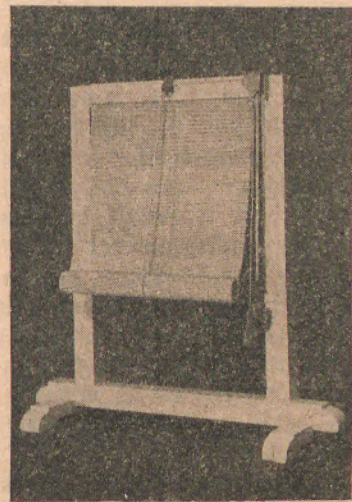
## PRENSA SISTEMA MABILE

Vende-se uma em estado de nova de 4 polegadas.

Para ver e tratar, na Casa SIALAL, ao lado do Templo do Senhor da Cruz.

## VENDE-SE

Terreno para construções de casas, na R. Dr. Manuel Pais (ant. Rua da Estrada). Informa Ernesto Cibrão.



Modernize o seu prédio... com

## CORTINAS DE MADEIRA

Diversos padrões nos mais finos gostos...

Colham referências

## Construções Reunidas de Pereira, Irmãos, L.ª

Trabalhos em cimento e marmorite — Serração e madeiras — Projectos — Construções Gerais e Parciais — Serralharia — Marcenaria — Carpintaria Mecânica

Campo 28 de Malo — Tel. 8415 — BARCELOS

Exija exclusivamente para abrilhantar as suas festas

# Alto-falantes

DE José Fernandes, L.ª

A mais moderna aparelhagem sonora que podem preferir. As melhores microgravações religiosas e a maior colecção de músicas regionais, folclóricas e clássicas.

Aparelhagens moderníssimas.

Licença eclesiástica para festividades religiosas.

Deslocam-se para qualquer parte do País, haja ou não energia eléctrica.

Rua Miguel Miranda, 40—BARCELINHOS—BARCELOS—Tel. 8245 P. F.



## Testamento dum Poeta

*Na derradeira viagem  
com que esta vida encerro,  
como sentida homenagem  
levarei um lindo enterro!  
Em honra das minhas*

*[quadras  
e dos versos premiados,  
à volta do meu caixão  
vão quatro gatos pingados.  
A nota sentimental  
(adeus à vida que passa)  
será dada pelas flores  
que me enfeitam a carcassa.  
A todos que eu estimei  
deixo saudades sem par  
porque não tenho, confesso,  
mais nada para deixar...  
E se alguém me teve inveja  
sem tal honra merecer,  
deixo a minha dentadura  
pra que se possa morder...  
Se me julgarem capaz  
de fazer sombra a alguém  
cá lhe ficam os meus óculos  
para verem isso bem!  
Aos meus herdeiros directos  
deixo prémios e menções  
embora seja partilha  
de fracas consolações...  
Deixo versos a granel,  
alguns livros publicados  
e uma coroa de louros  
para pôr nos refogados...  
Se o misero vil metal  
nunca quis nada comigo,  
deitem o caixão à terra,  
não o metam num jazigo.  
Que o meu corpo  
[amortalhado  
já sem vida e sem calor  
se vá transformar em seiva  
e possa ainda dar flor.  
Que, no silêncio da noite,  
tendo as estrelas por círios,  
na mansão da paz eterna  
haja perfumes de lírios,  
pois ninguém como  
[os poetas  
em vida, soube entender  
o que as flores e as estrelas  
tinham para lhe dizer.  
Os poetas não merecem  
esse tremendo castigo  
de ficarem encerrados  
no silêncio dum jazigo!  
Isso é bom para os ricos,  
a terra é de toda a gente,  
não é fria como a pedra  
e tem o sol que a aquece.*

*Eis como eu vos expresso  
minha última vontade  
e de todos me despeço  
até à Eternidade.*

POETA DAS DÚZIAS

lações mais gerais, em suas origens, em seus fins, em suas raízes. Filosofia, poesia e oração se tocam, intimamente, por essa insatisfação das aparências. O crente, o poeta e o filósofo querem vencer, por suas próprias forças, a servidão das superfícies e penetrar no âmago das coisas, dos segredos, dos silêncios...

## O DRAMA DO MALMEQUER

Ao Dr. Manuel Figueiredo

*Mal me quer...  
Bem me quer...  
Todo o drama da vida  
Numa ingénua flor.  
Bem me quer...  
Mal me quer...  
O mistério da vida,  
Entre o ódio e o amor.  
Mal me quer...  
Bem me quer...  
Mais brancas do que a espuma,  
Vão caindo uma a uma  
As pétalas no chão.  
Bem me quer...  
Mal me quer...  
Vão caindo uma a uma,  
Levadas pelo vento, em confusão.  
Mal me quer...  
Bem me quer...  
Suspenso de uma flor,  
O ódio e o amor,  
O Sim e o Não.  
Bem me quer...  
Mal me quer...  
O mistério da vida,  
Levado pelo vento, em confusão!  
Mal me quer...  
Bem me quer...  
Todo o drama da vida  
Numa ingénua flor!*

*Bem me quer...  
Mal me quer...  
Todo o mistério do ódio,  
Todo o mistério do amor!  
Mal me quer...  
Bem me quer...  
A flor do malmequer vai-se extinguir,  
O drama está a expirar.  
Bem me quer...  
Vai findar!  
Vendo a última pétala cair,  
O coração estremece, a palpitar:  
Mal... me... quer...  
Acabou!  
Bem me quer... amanhecer de  
[Afirmção!  
Mal me quer... anoitecer de Negação!  
Mal... me... quer...  
A derradeira pétala tombou,  
Desamparada no chão.  
Havia o Ódio e havia o Amor,  
Todo o drama da vida.  
Numa ingénua flor,  
Que em si trazia,  
Em jeitos de mistério ou profecia,  
A sorte tão temida,  
E tão apetecida  
Entre o Sim e o Não:  
Entre a Morte ou a Vida  
No coração!*

Agostinho Veloso, S. J.

## O Crítico Literário

### EM FACE DA OBRA

Por ALCEU AMOROSO LIMA

A crítica literária tem sido, para mim, uma visão da vida através das obras alheias e, simultaneamente, uma concepção das obras alheias através da vida.

Move-me, ao meditar sobre ela, a preocupação de ser sincero, de trazer um depoimento absolutamente verídico, quanto nos é dado conhecer a nossa própria experiência. Não me anima o propósito de dizer algo de novo, de original, de ainda não dito. Como escrevia esse inesgotável MONTAIGNE, mestre de todos os críticos: "Je ne foy point de doute qu'il ne m'advienne souvent de parler de choses qui sont mieulx traictées chez les maîtres du métier, et plus véritablement. C'est icy purement l'essay de mes facultés naturelles, et nullement des acquises: et qui me surprendra d'ignorance, il ne fera rien contre moy; car à peine respondrais je à aultruy de mes discours, qui ne m'en responds point à moy, ny n'en suis satisfait. Qui sera en cherche de science, si la pesche ou elle se loge: il n'est rien de quoy je face moins de profession. Ce sont icy mes fantasies, par lesquelles Je ne tasche point de donner à cognoître des choses, mais moy" (1). Ora, nada mais difícil que dizer onde acaba o nosso e onde começa o alheio. Onde acaba o que é natural, como diz Montaigne, e começa o adquirido pelo conhecimento ou pela experiência. A cada passo nos surpreendemos a ler, nos antigos ou nos modernos, muitas coisas que julgáramos serem nossas. Não é só no terreno económico que a noção de propriedade privada se vem diluindo cada vez mais, a ponto de já precisar ser posta nos seus devidos termos, para que um excesso não justifique outro.

A medida que envelhecemos vamos nos tornando mais convictos de que todas as coisas pertencem a nós mesmos. E que a melhor maneira de possuir as ideias ou as coisas inanimadas é partilhá-las com os outros.

Considero, pois, a crítica literária não como uma actividade parasitária da literatura de criação e a ela contraposta, mas como uma actividade autónoma, apenas distinta da actividade criadora, mas cheia de contactos com ela e representando, antes de tudo, uma concepção geral da existência. Nisso está, creio mesmo, a grande dignidade e a grande responsabilidade da crítica literária, que passa assim, de actividade subordinada, a esforço intelectual livre e original. E a esforço que implica não apenas em uma atitude analítica mas sintética; não apenas de comentário e julgamento, mas ainda de construção própria; não apenas de anotação aos livros estranhos, mas de visão própria; não apenas literária, mas vital. É uma visão geral da vida. Não uma visão livresca, nem só literária ou mesmo exclusivamente estética. Alguém que faz da crítica a sua vivência habitual (e julgo indispensável abrasileirar o espanholismo, tão justificável como existência, de existir) — não pode limitar-se a ver nela apenas um conjunto de anotações às actividades estéticas ou intelectuais dos outros. É a vida toda que tem diante dos olhos. Deve fazer da crítica um modo de exprimir sua própria visão total da vida. Tudo, portanto, entra no domínio da crítica, já que a actividade filosófica — contida na concepção geral da vida — compreende a universalidade das coisas, consideradas em suas re-

A crítica pertence a esse conjunto de atitudes do espírito. Criticar não é se prender a uma obra, a esta obra.

Embora seja ela o seu objectivo directo e imediato, para vê-la bem, tem de ultrapassá-la. Deve procurar ver tudo. Ver o conjunto das coisas. Procurar o que fica antes, por trás ou depois da obra. Considerar o conjunto das obras. Nunca perder de vista a totalidade da existência. Não se confinar nunca no recanto da realidade em que se encontra nem confundir o particular com o geral. A estreiteza de espírito é, por isso mesmo, um dos maiores defeitos de um crítico literário. É a negação formal da natureza de sua própria actividade. Saber compreender, saber abrir-se ao real, ao real na sua infinita complexidade, eis um dos dons preliminares de todo crítico que se preza. A docilidade ao grande cântico das criaturas que se eleva de todos os recantos do universo, como uma sinfonia infinita em que cada objecto tem o seu papel a desempenhar, em que cada atitude tem a sua razão de ser, — é o passo inicial, é a disposição preliminar para que exista crítica literária e não apenas sectarismo crítico. É mister não confundir essa exigência preliminar e essencial à própria natureza da crítica literária, de ter olhos para tudo, — com o cepticismo ou com o ecletismo. O céptico é aquele que não crê em nada e para quem, portanto, são indiferentes todas as atitudes. O crítico céptico não se abre a toda realidade. Fecha-se a ela, por começar justamente negando tudo aquilo que seja afirmação, crença, substância, permanência, vendo todas as coisas como um cenário fugaz de figuras mais ou menos imaginárias. O eclético, ao

contrário, crê em tudo; acha bons todos os pontos de vista; não faz distinções entre erro e verdade, entre bom e mau, entre sim e não. Colocando-se no extremo oposto ao céptico, acaba confundindo-se com ele. Pois tanto faz aceitar ou rejeitar tudo, indistintamente. No fim, o que há é uma confusão total, uma total indiferença e portanto uma evasão da vida verdadeira, do drama do real. Abrir a sua inteligência a todo o real não é, portanto, excluir a discriminação das coisas e das pessoas. Longe disso. É justamente a condição indispensável para que essa discriminação se faça, não arbitrariamente ou na base de uma apreensão parcial da realidade, mas sobre um fundamento realmente inabalável. Abrir o espírito à compreensão de todas as coisas não é, portanto, equiparar tudo na linha de rejeição ou de aceitação total e indiscriminada. É justamente permitir que a apreciação crítica não seja uma anotação meramente subjectiva e unilateral, mas represente realmente uma visão geral das coisas.

Essa visão se faz, entretanto, como ficou dito de início — "através das obras alheias". Nisso se distingue, de modo formal, a crítica da filosofia. Não se trata de uma interpretação directa e sim indirecta do universo. No primeiro caso teríamos uma actividade puramente filosófica, pois pensamos filosoficamente quando meditamos directamente sobre a essência dos seres e suas manifestações. A crítica opera sempre de modo indirecto. Seu objecto imediato não são os seres naturais e sim entidades acrescentadas à natureza. Não

(Continua na página 5)

(1) Essais — Liv. II, cap. X.